

ARQUIVO VIVO

Gabriele Vargas¹

A cidade não é cenário.
É corpo.

Um corpo feito de camadas.
De vestígios.
De restos.
De gestos que atravessam o tempo.

Saberes que circulam sem ser escritos.
Transmitidos na repetição, na oralidade, no fazer habitual.
Passados de geração em geração como quem passa uma linha de pesca. Como quem aprende e apreende à margem. Como quem reconhece o ritmo da água.

A ancestralidade não está apenas no passado.
Ela é presença viva.
Modo de ocupar o território.
Modo de construir vida.
Modo de existir em relação.

Corpo, espaço e rito não se separam.
O gesto cotidiano também é ritual. Esperar. Caminhar. Lançar. Pausar. Deixar o tempo.

Há espaços e lugares sagrados que não precisam de templo, mas de tempo.
De margem.
De permanência.

À beira do canal o tempo se alonga.
Um corpo espera.
Outro observa.
Pausa que sustenta a paisagem.

É o ordinário como saber silencioso.
Como prática que persiste.
Como história em movimento.

A paisagem então, não é apenas vista, é expressão de memória e identidade coletiva.
Eco ancestral.
Arquivo sensível onde comunidades tradicionais tecem sua continuidade. Pescadores, ribeirinhos, corpos à margem. Artesãos do tempo.

Efemeridades do dia a dia que não ocupam o centro, mas sustentam as bordas.
E, nas bordas, a cidade lembra.

Onde as paredes também guardam. Registram aquilo que não entra nos documentos.
Impressões sobre a alvenaria, sobre a ruína, sobre o apagamento.

¹ Arquiteta e Urbanista. Mestra em Arquitetura e Urbanismo na linha Urbanismo Contemporâneo PROGRAU/UFPel. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Cidade+Contemporaneidade.

A cidade escreve sobre si mesma o tempo todo.

Não apenas imagem, mas passagem.
Sabedoria que se move, fora dos paradigmas dominantes, insistindo em outras formas de narrar o espaço vivido.

O rastro no muro também é forma de pertencimento, como tantas inscrições ancestrais.
Grafias, cantos, tramas, sinais deixados para que o espaço ecoe.

O muro deixa de ser limite.
Vira pele.

Recebe camadas como quem recebe manifestos.
Cada traço é signo.
Cada cor é presença.
Cada vestígio é uma forma de dizer: ainda estamos aqui.

Práticas ancestrais por onde a memória circula.
Saber coletivo que não se encerra, apenas segue.

Talvez seja isso que Ailton Krenak chama de futuro ancestral: um amanhã sustentado por modos antigos de permanecer, pela relação viva entre corpo, território e água.

Mais que ornamento é resistência, insistência.
O que se desfaz ainda ensina.
O que sobrevive ainda fala.

Entre água e concreto, a cidade respira devagar.

E nas margens, onde o olhar desacelera, saberes ancestrais seguem transmitindo. No corpo em rito, na prática cotidiana, na paisagem como lembrança viva.

Fotografar é demorar.
É tocar esse arquivo sem fechá-lo.
É acompanhar o que escapa.

Imagens que não reúnem apenas instantes.
Reúnem continuidades.

Corpo, cidade, água.
Escritas que se sobrepõem.

Uma escrita que segue no tempo, porque continua passando.
Porque permanece na superfície do vivido.

Como correnteza.
Como marca.
Como pele.

Referência

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras, 2022.





